

A recepção do Maio francês no Chile: repercussões de uma atmosfera revolucionária estudantil global

The reception of the French May in Chile: repercussions of a revolutionary global student atmosphere

Patricio Arriagada

Professor do departamento de Humanidades y Comunicaciones da Universidade Finis Terrae, no Chile. Mestre em História da Antiguidade da Universidade de Paris I – Panthéon Sorbonne e Doutor do Instituto de Historia da Pontifícia Universidade Católica do Chile.

Tradução:

Mannuela Costa

Professora do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPE e Produtora de Audiovisual. Doutora em Comunicação pela UFRJ, com pesquisas concentradas na área de Economia do Audiovisual, Políticas Culturais e aspectos subjetivos dos realizadores. Email: mannucosta80@gmail.com

DOSSIÊ

RESUMO

O ano de 1968 marcou um ponto de inflexão no mundo ocidental por causa de uma série de acontecimentos críticos que consolidara o que podia denominar-se como autoconsciência da era global. Esta subjetivação da condição global da sociedade ocidental irrompeu com força por meio de fenômenos que remontam a anos anteriores; entretanto, foi em 1968, quando tanto a frequência quanto a envergadura de acontecimentos de âmbito mundial criaram uma verdadeira atmosfera revolucionária. Entre eles, os conflitos estudantis ao redor do mundo assumiram um papel importante como catalisadores de uma consciência global de transformação, cujo ápice teve lugar durante os meses de maio e junho em Paris, quando as notícias das revoltas dos estudantes da Sorbonne chegaram às principais capitais do mundo, gerando uma vasta discussão intelectual sobre o alcance dessas manifestações e os efeitos das mesmas nos diversos âmbitos locais. No caso do Chile, sua recepção foi muito importante em diversos âmbitos do campo intelectual nacional, desde a ala mais conservadora até à esquerda, que apenderam as lições dos eventos parisienses, seja para analisar, criticar ou legitimar as manifestações nas universidades chilenas e o processo de reforma universitária que havia começado alguns anos antes.

PALAVRAS-CHAVE: Maio de 68, movimento estudantil, reforma universitária chilena

ABSTRACT

The year 1968 marked a turning point in the Western world because of a series of critical events that had consolidated what could be called the self-consciousness of the global age. This subjectivation of the global condition of Western society burst forth strongly through phenomena that date back to earlier years; however, it was in 1968, when both the frequency and magnitude of world-wide events created a truly revolutionary atmosphere. Among them, student conflicts around the world took on an important role as catalysts of a global consciousness of transformation, whose apex took place during the months of May and June in Paris, when news of the Sorbonne students' revolts reached the main capitals of the world, generating a wide intellectual discussion about the scope of these manifestations and the effects of them in the various local scopes. In the case of Chile, its reception was very important in various spheres of the national intellectual field, from the more conservative wing to the left, which grasped the lessons of Parisian events, whether to analyze, criticize or legitimize demonstrations in Chilean universities and the process of university reform that had begun a few years earlier.

KEYWORDS: May of 68, student movement, Chilean university reform

RESUMEN

El año 1968 marcó un punto de inflexión en el mundo occidental a causa de una serie de acontecimientos críticos que consolidaron lo que podría denominarse como autoconciencia de la era global. Esta subjetivación de la condición global de la sociedad occidental irrumpió con fuerza por medio de fenómenos que podrían remontarse a años anteriores; sin embargo, fue en 1968 cuando tanto la frecuencia como envergadura de sucesos de injerencia mundial crearon una verdadera atmósfera revolucionaria. Entre estos, los conflictos estudiantiles alrededor del mundo ocuparon un rol importante como catalizadores de una conciencia global de transformación, cuyo punto más álgido tuvo lugar durante los meses de mayo y junio en París, cuando las noticias de las revueltas de los estudiantes de la Sorbonne dieron la vuelta por las principales capitales del mundo generando una vasta discusión intelectual sobre los alcances de estas manifestaciones y los efectos de las mismas en los diversos campos locales. En el caso de Chile, su recepción fue muy importante en diversos ámbitos del campo intelectual nacional, desde el lado más conservador hasta la izquierda, quienes aprendieron lecciones de los eventos parisinos ya fuera para analizar, criticar o legitimar las manifestaciones en las universidades chilenas y el proceso de reforma universitaria que había comenzado un par de años antes.

PALABRAS CLAVE: Mayo de 68, movimiento estudiantil, reforma universitaria chilena.

Um 68 global

Os acontecimentos que constituem a história de 68 envolvem distintos contextos locais de confronto, assim como também a articulação de uma rede global de práticas, linguagens, discursos e debates que definem o significado de uma transformação geral na política. As ideias que se desenvolveram a partir do cenário determinante da Guerra Fria adquiriram, no decurso da segunda metade da década de 1960, características específicas que permitem reconhecer a mudança nas relações entre política e cultura, ao mesmo tempo em que delimitam o significado emergente da revolução nas disputas assentadas entre o socialismo e o capitalismo. Deste modo, a frequência e repercussão de uma série de eventos – como a ofensiva do Tet no Vietnã, os assassinatos de Martin Luther King e Robert Kennedy nos Estados Unidos, a chacina de Tlatelolco no México, as manifestações do mês de maio na França, a Primavera de Praga ou os acontecimentos na América Latina (os golpes de Estado no Panamá e Peru, a promulgação do AI-5 no Brasil, por exemplo) – conformaram uma atmosfera crítica em distintos âmbitos da cultura, na qual, além do mais, muitos desses processos estavam estreitamente vinculados entre si.¹ Sem deixar de lado a centralidade hegemônica da polarização mundial, esses governos incorporam nela novos repertórios e estratégias de confronto na atmosfera transnacional de 1968, a partir dos quais se compreende o surgimento de novos modos de definir o adversário para ambos os lados da disputa. Um dos novos espaços políticos e culturais é aquele que se organiza a partir do papel dos estudantes, cujo protagonismo nos eventos desencadeados especificamente durante esse ano pode ajudar a observar a circulação das ideias práticas que vinham se configurando em distintos lugares a partir da questão da juventude, da revolução e do anticomunismo em nível global.

Se não dúvidas de que as repercussões das manifestações do Maio Francês foram determinantes nas transformações culturais que tomaram tanto a nova esquerda como o movimento estudantil em nível regional, nos parece que estas devem ser compreendidas como parte de uma atmosfera revolucionária maior, na qual os eventos de Paris representam um de seus ápices, mas claramente não o único. Nesse sentido, vale lembrar que no caso chileno, a recepção do Maio Francês está condicionada por um movimento local que o precede, o que matizou o entusiasmo com que o Maio Francês pode

¹ Por exemplo, a relação entre os protestos estudantis e os pacifistas contra a guerra do Vietnã; o fracasso de Lyndon Johnson para controlar as ditas manifestações contrárias a sua política no Vietnã e como isso permitiu a ascensão da corrida presidencial de Robert Kennedy; uma das principais referências do Maio Francês foi Herbert Marcuse, professor da Universidade de Berkeley, na Califórnia e epicentro dos grandes movimentos estudantis desde o começo dos anos 1960. Também cabe destacar a estreita relação entre a exacerbação do intervencionismo soviético e o reposicionamento cultural dos partidos comunistas no mundo. Este fenômeno explica grande parte da maior presença das ideias comunistas no cenário intelectual, nos movimentos estudantis, por exemplo, mas também um aumento do anticomunismo.

eventualmente ser repercutido. Não obstante, certos setores intelectuais efetivamente recorreram a essas experiências de protesto para ponderar, criticar ou avaliar experiências de natureza local similares. De maneira que para este artigo optamos por trabalhar a recepção de 68 como um fenômeno global, considerando o clima geral de tensões a partir do qual se constituem as posições revolucionárias e as respostas de contenção dos distintos atores políticos no cenário transnacional: os movimentos estudantis, a nova esquerda, os Estados e os partidos políticos tradicionais. Como objeto de estudo, optamos pelas revistas culturais do período, buscando assim obter uma visão panorâmica dos diversos âmbitos da cultura na qual estas áreas revolucionárias foram difundidas, criticadas ou assimiladas por intelectuais que ocuparam distintas posições do espectro político.

Assim como em diversas cidades do mundo cujos movimentos reformistas no âmbito universitário haviam começado alguns anos antes, no caso chileno a recepção dos sucessos obtidos em Paris serviu para consolidar processos já instalados no campo cultural nacional, seja para legitimar as ideias reformistas ou para advertir sobre as potenciais consequências negativas se seguisse o exemplo francês. No Chile o processo de reforma universitária estava sendo gestado desde o ano de 1966, em diversas universidades, e é essa situação que explica, como indicamos acima, que a recepção do Maio Francês nas revistas culturais tenha sido menor do que a esperada, considerando-se a envergadura das manifestações e o alcance das suas repercussões. Com efeito, isso condiz com uma representação dos eventos da reforma universitária que permearam a memória dos seus atores, delimitando através dela uma compreensão da singularidade do caso nacional em comparação aos acontecimentos globais. Carlos Huneeus indica, a este respeito:

Temos dito que para mostrar o caráter da reforma universitária chilena dos anos 60 e o papel que desempenhou nela o movimento estudantil era necessário distingui-lo da onda de movimentos estudantis que se estendeu pelos Estados Unidos, Europa, México, Japão nos momentos em que se produzia o câmbio universitário no Chile. Assinalamos que a mera coincidência temporal dos fenômenos sociais em sociedades diferentes não constitui um indicador da existência de uma causa comum (...). Na verdade, a experiência chilena começou antes da europeia, adotou conteúdos e estilos que não se deram nesta e seu impacto foi sentido inclusive depois de haver terminado o protagonismo dos estudantes europeus. (Huneeus, 1988: p. 15)

A cronologia do movimento estudantil chileno entre 1967 e 1968 começa com as mobilizações e ocupações da Universidade Católica de Valparaíso (junho de 1967), da Universidade Católica (agosto

de 1967) e continua com as da Universidade do Chile (maio de 1968), assim como no ambiente político de confrontação que existia de maneira generalizada entre os estudantes, os acadêmicos e as autoridades. Esses acontecimentos, por mais que quisessem se sustentar como eventos derivados de dinâmicas de confrontação interna e ou como consequências do manejo das respectivas instituições, traziam também consigo um conjunto de práticas e modalidades de protesto que terminavam sendo difíceis de compreender desde uma perspectiva centrada exclusivamente nos marcos institucionais da política local. As ocupações das universidades, a violência incorporada pela ação estudantil nas marchas, a radicalização de determinados grupos contra a mediação acadêmica, etc., definiram uma situação para a qual diferentes atores políticos, institucionais ou não, tiveram que buscar novas linguagens e representações no espaço global de crise que se vivia mundialmente.

Através da análise desses eventos, que serviram para desvelar as profundas transformações que experimentava então o mundo, revistas como *PEC* e *Punto Final*, expuseram claramente sua posição com respeito aos alcances futuros desse “*aggiornamento*”² que se vivia nesse momento e com respeito às possíveis consequências nocivas dos movimentos universitários no país. Assim, as notícias que chegavam da França e de outros lugares tiveram uma recepção imediata em suas páginas, destacando-se diferentes âmbitos da crise, a depender da política editorial de cada projeto. Portanto, neste trabalho decidimos estudar paralelamente esse momento peculiar do ano de 1968, transcorrido entre os meses de abril e julho, buscando compreender o rol e o significado que o Maio Francês teve na reflexão sobre o processo de reforma universitária em geral, que estava sendo vivido no Chile, e sobre os principais temas políticos que concentravam a atenção do campo intelectual nacional.

A Revista *PEC* e os limites da reforma

Os processos de reforma universitária que se desdobram no Chile a partir de 1966, constroem um espaço de debate a respeito do papel das instituições de educação superior, as quais haviam sido pensadas desde a década de 1930 como instrumentos centrais para as políticas de desenvolvimento do país. Nesse contexto, a recepção dos eventos que teriam lugar na França e em outros lugares em 1968, se inscreve no meio local a partir de uma discussão sobre a crise do modelo universitário e as demandas de democratização do movimento estudantil, que serão refutadas ou defendidas considerando-se

2. Mantivemos a palavra italiana escolhida pelo autor, que significa atualização, em português [N.T.].

sobretudo as eventuais repercussões para o modelo de desenvolvimento institucional e nacional³. A revista *PEC* (Política, Economia e Cultura) participa desses debates, como um órgão de imprensa ligado a setores da direita, ocupando um papel significativo na articulação do anticomunismo e criticando a radicalização do reformismo dos estudantes em vista do futuro da instituição universitária⁴.

No caso da *PEC*, a relação com o problema universitário é ambígua. Por um lado, a revista condena o excessivo empoderamento dos estudantes e o fracasso das políticas que tinham intenção de manter a ordem, assim como a ingerência das ideias revolucionárias em geral, e do Partido Comunista em particular, nos diversos cenários nos quais se manifestaram as mobilizações estudantis. A universidade é vista então como uma instituição cujo compromisso social é “formas pesquisadores e profissionais de alta qualidade, e não colocando-a a serviço de uma ideologia política ou de um programa revolucionário”⁵. Por outro lado, isso não significa que a revista busque deslegitimar as exigências do movimento de maneira absoluta. Ao contrário, em diversas colunas publicadas entre os meses de maio e junho de 1968, as ideias que fundamentam as mobilizações dos estudantes são às vezes adotadas e justificadas por quem as escreve, ainda que o problema parecesse ser mais pela forma e pela excessiva radicalidade que estas adquirem. Nesse sentido, se aliam com o que parece ser a opinião prevalecente das principais revistas do mundo que servem de espelho para a publicação⁶: “Há um ponto no qual todos estão de acordo: os estudantes – zangados, anárquicos, inclusive dominados pela violência como muitos parecem estar – tem, fundamentalmente, razão”⁷.

Desse modo, torna-se clara a percepção de uma mudança em nível global e a importância desses fenômenos na configuração de uma nova ordem, cuja compreensão atesta a necessidade de

3 Osvaldo Sunkel. *Reforma universitaria, subdesarrollo y dependencia*. Santiago: Ed. Universitaria, 1969.

4 Em relação à revista, Verónica Valdivia aponta: “Como se sabe, *PEC* foi fundada pelo ex-comunista Marcos Chamudes em 1963, e se identificava mais com a ala direitista do radicalismo, com decidido espírito comunista (...). A revista, aparentemente por problemas de falta de financiamento, encerrou as atividades em julho de 1969 e só reapareceu oito meses depois, em março de 1970, com o propósito expresso de combater a candidatura da Unidade Popular, já oficializada em janeiro do mesmo ano, e apoiar a candidatura de Alessandri”. (Valdivia, 2008: p. 254)

5 “¿Hacia dónde van los conflictos universitarios?”, *PEC*, Año VI, Nº 283, 31 de mayo de 1968, p. 8.

6 A publicação de colunas e entrevistas traduzidas desses prestigiosos meios internacionais foi uma prática que a revista realiza constantemente, demonstrando a importância que se dá à visão externa que provém de meios legitimados como *Le Monde*, as revistas *Actualidades* e *Time* de Nova Iorque. Ver, por exemplo, as seguintes publicações extraídas desses meios: “Por que protestam os estudantes?”, *PEC*, Año VI, nº 280, 10 de maio de 1968, pp. 12-13; “A crise estudantil na Europa: uma aventura excitante ou educação melhor? (De “*Actualidades*”, Nova Iorque), *PEC*, Año VI nº 284, 07 de junho de 1968, pp. 14-15. Isso não só obedece a uma necessidade de lhe dar uma maior legitimidade à revista em relação à suas redes, como também esses discursos efetivamente afetam a opinião de seu núcleo intelectual. Essa concordância geral com as ideias que se tem sobre os conflitos universitários nos grandes veículos que servem como referência à revista se mantém no nível de uma visão panorâmica global do assunto. Entretanto, isso não implica que os colaboradores vejam da mesma maneira os eventos que acontecem em outros países e aqueles do Chile. Talvez pelo que significa a França e sua tradição cultural para os membros da revista, as revoltas francesas parecem recobertas de uma aura de legitimidade da qual carecem as revistas nacionais em muitas opiniões publicadas.

7 “La crisis estudiantil en Europa. ¿Una aventura excitante o una educación mejor?”, *PEC*, Año VI, Nº 284, 07 de junio de 1968, p. 14.

refundar as categorias do vocabulário político para referir-se às exigências dos estudantes. O conceito de reforma universitária, por exemplo, se justifica como uma necessidade – “ninguém poderia desconhecer o acerto de muitas das sugestões e apreciações que estavam contidas al. Fazê-lo equivaleria a negas as muitas deficiências que a realidade de nossa educação superior apresenta hoje”⁸ – ao mesmo tempo que é também criticado por seu “nome vago, gasto e anacrônico para expressar um conjunto de ideias de renovação universitária”⁹.

O artigo “Por que protestam os estudantes?”, publicado em 10 de maio de 1968, respondia rapidamente à consternação mundial que as mobilizações estudantis haviam produzido, e as que haviam começado na Universidade de Sorbonne uma semana antes¹⁰. Considerando uma publicação da revista *Time* que havia sido citada fragmentariamente pelo jornal vespertino socialista *Última Hora*, na sua edição de 07 de maio, *PEC* polemiza com a sua “pouca seriedade jornalística”, que “reproduz só alguns parágrafos – aqueles que lhes convêm para sua ação e propaganda”¹¹ –, e decide traduzir o texto completo que compartilha grande parte das preocupações de seu círculo editorial. Entre os temas presentes nesta publicação e que seguiram sendo considerados na *PEC*, durante várias semanas, podemos destacar: a quebra do cânone estabelecido por um movimento que já alcançou uma dimensão global, a vinculação entre os eventos mundiais e o que estava ocorrendo nas universidades chilenas, o problema da fundamentação ideológica da postura estudantil através das ideias comunistas e das repercussões negativas que estas ideias poderiam trazer para a ordem democrática estabelecida se as mobilizações seguem um curso descontrolado.

Na revisão da historiografia sobre o movimento universitário chileno, é possível distinguir uma perspectiva similar àquela apontada por esta publicação, na medida em que é possível identificar um intento por delimitar e distinguir os papéis do estudante e do revolucionário, e por dar conta do temor latente à radicalização dos jovens que revela o clima político de 1968. Se a juventude “revolucionária” acaba sendo mesmo a culpada pela resposta desencadeada nos anos setenta (uma vez que ela rompe primeiro com a ordem institucional e o papel naturalmente desempenhado pelos sujeitos dentro dela), a característica do movimento estudantil configurado no cenário da reforma universitária chilena, se

8 “¿Hacia dónde van los conflictos universitarios?”, *PEC*, Año VI, Nº 283, 31 de mayo de 1968, p. 8.

9 *Ibid*

10 Lembremos que no dia 3 de maio de 1968 a polícia entrou pela primeira vez nas dependências da Universidade de Sorbonne dando início ao primeiro enfrentamento entre os estudantes e as forças da ordem.

11 “¿Por qué protestan los estudiantes?”, *PEC*, Año VI, Nº 280, 10 de mayo de 1968, p. 14.

distinguiria mais pelo seu grau de institucionalidade e respeito pela continuidade democrática. Para Carlos Hunneus, esse último é o que implica a singularidade do caso chileno em respeito aos outros movimentos estudantis de 1968:

O movimento estudantil no mundo teve uma vida curta. No México foi detido mediante uma brutal repressão por uma autoridade que temeu que o país estivesse demasiadamente politizado quando se preparava a realização das Olimpíadas de 1968; na França, fracassou no empenho revolucionário pois os operários não ouviram o chamado dos jovens que se inspirava mais no anarquismo que em Marx ou Lenin; na Alemanha Federal foi superado pela extrema esquerda, ao mesmo tempo em que teve a má tática de chocar contra os partidos estabelecidos sem oferecer uma alternativa com os pés no chão. (Hunneus, 1988: p. 20)

Na *PEC*, esta geração de estudantes é representada como um grupo de “idealistas céticos”, composto por setores democráticos que denunciam “as iniquidades do Oeste, no que se refere às diferenças de riqueza e de raça”¹², e por grupos de esquerda que criticam “o estilo do comunismo soviético como espiritualmente corrompido”¹³. Esta crítica horizontal da sociedade contemporânea é o que faz com que o movimento seja tão preocupante e que tenha alcançado tanta envergadura em termos espaciais e temporais. Especialmente, “durante os três últimos meses, os estudantes obrigaram a encerrar, pelo menos, umas três dúzias de universidades nos Estados Unidos, Itália, Espanha, Tunísia, México, Etiópia e outros países”¹⁴. Mas a preocupação pelo alcance temporal dessa crítica termina sendo mais significativa, devido a sua imprevisível lógica geracional: “Os educadores nem sequer suspeitaram, e, quando muito, lhe dedicaram, há 10 anos, pouca atenção, como se houvesse um exagero ao criticar aquela que chegou a se chamar “geração quieta”. Agora, a queixa pelo poder dos estudantes, tem dimensões mundiais da qual se depreende uma lição suprema: os estudantes tem muito que ganhar se trabalham ativamente para mudar o sistema existente, em vez de lhe dar as costas, ignorando-o”¹⁵.

Na revisão da reforma da Universidade Católica do Chile, José Joaquim Brunner pôs ênfase nessa questão apontada pela revista, ao indicar que, em parte, esse clima vinha sendo produzido em função da ruptura geracional, e da conformação de uma “subcultura” de oposição e crítica juvenil que indicaria uma crise no interior da instituição universitária.

Assim, as autoridades da UC pareciam personagens distantes perante os estudantes,

¹² “¿Por qué protestan los estudiantes?, *PEC*, Año VI, N° 280, 10 de mayo de 1968, p. 14.

¹³ *Ibid*

¹⁴ *Ibid*

¹⁵ *Ibid*

um pouco como o latifundiário ausente, que de vez em quando vinha apreciar a magnitude de suas terras. Esse pensamento, que poderia não ser o correto, alimentava, entretanto essa subcultura geracional. A revista da Universidade, *Finis Terrae*, havia sido rebatizada de “Latis Terrae”, e era objeto de ironia, ou de certa jocosidade compartilhada em surdina, mais do que desinteresse. Os professores, salvo exceções, eram percebidos como transmissores mais ou menos competentes em suas rotinas de pesquisa, mas lhes faltava, no geral, o apreço carismático que define o professor capaz de inspirar um sentimento autêntico em torno do saber e da cultura. (Brunner, 1981: p. 112)

A revista PEC presta especial atenção às mobilizações estudantis levadas a cabo em algumas grandes cidades, cuja vinculação conformaria uma rede global na qual se manifesta essa crítica juvenil. “E Berlim, Rio de Janeiro e Tóquio, os estudantes ativistas adotaram as greves e adotaram as mesmas táticas dos estudantes dos Estados Unidos para protestar contra a guerra, para a integração racial nos restaurantes do sul, para atendimento de brancos e negros nas mesas e para imobilizar a Universidade da Califórnia, em 1964”¹⁶. Mas dada a sua relevância mundial, o caso francês foi o que maior atenção recebeu, tanto pela dimensão e impacto mundial de suas manifestações, como também pela larga tradição cultural que posicionava a França como referencia para o campo cultural local. A revista dedica diversos artigos e colunas de opinião durante os meses de maio e junho de 1968, destacando o número especial de 24 de maio, intitulado “Democracia francesa na encruzilhada. Uma lição para o Chile”¹⁷. Aqui se inclui uma coluna de opinião do colaborador Pectrotter cujo título “França, na encruzilhada. Uma lição para o Chile” inspira o nome da edição e serve ainda, para, diante de uma pequena alteração, advertir sobre os perigos que, em última instância teriam esses movimentos para a estabilidade da mesma democracia.

É interessante que o texto comece vinculando diretamente o que ocorre na França como conflito local estudantil. “Os acontecimentos da França tem relação direta com os eventos do Chile. Ilustram, vividamente, o que poderia ou, o que com toda certeza aconteceria, de modo semelhante, no nosso país” (Pectrotter, 1968: p.12). O autor esclarece que não se trata de uma simples relação de espelho determinada pela tradicional admiração cultural em relação ao francês, mas sim que se tem plena consciência de que “o que acontece na França é um fenômeno universal” (Pectrotter, 1968: p.12), e que são as estruturas econômicas de ambos os países, “não de todo diferentes” (Pectrotter,

¹⁶ *Ibid*

¹⁷ Um dia depois da FECH decidir por votação ocupar a Casa Central da Universidade do Chile.

1968: p.12), que explicam a semelhança dos processos. Em outras palavras, se compreende que “muitas das características estruturais da sociedade e da economia são antiquadas e incapazes de satisfazer as necessidades ou anseios de uma sociedade que corresponda à metade do século XX” (Pectrotter, 1968: p.12), e que aí está a razão para o descontentamento generalizado. Essa opinião é o ponto de partida para o ensaísta nacional Martín Cerda, que, em uma coluna intitulada “A cólera de Sorbonne”, publicada na edição de 07 de junho, sustenta que ninguém deveria surpreender-se com o que está acontecendo na universidade parisiense, onde as revoltas são uma tradição que remonta ao século XIII, com o enfrentamento que “mantiveram os estudantes com o exigente Saint-Germain-des-Prés”¹⁸. O que chama sua atenção é justamente que muitos se surpreendam com as revoltas, sem ser capazes de ver a profunda crise que elas revelam “pondo em xeque as imagens da *sociedade industrial* contemporânea”¹⁹. Cerda – conhecido por seus embates com os intelectuais nacional ao fustigar constantemente o fechamento e desinteresse da cultura local pelos assuntos e ideias que estão transformando o mundo – critica esse isolamento e autossuficiência do campo cultural nacional, que se encontra completamente desprovido de ideias para enfrentar o problema estudantil: “A geração que, agora, irrompe na vida nacional necessita de *ideias*, pontos de referência que lhe permitam ir se orientando no labirinto do mundo atual. Já não pode repetir as imbecilidades que, com respeito ao existencialismo, tentaram nos inculcar”²⁰.

Não parece surpreendente então que o ensaísta, como admirador da cultura francesa de décadas anteriores, veja nas manifestações parisienses uma possibilidade de reverter a crise da sociedade contemporânea, profundamente tecnocrática, americanizada e carente de referências intelectuais²¹: “Talvez a cólera de Sorbonne desperte alguns da ilusão tecnocrática que o mundo de hoje e de amanhã se pode ir fazendo sem a *fantasia* dos chamados – pretensiosamente – intelectuais. Um mundo sem *fantasia* será sempre resultado daqueles homens que, incapazes de pensar e imaginar, imitarão, de mais a mais, o caos animal”²². Esses eventos caóticos poderiam, afinal de contas, ser o indício de uma nova era

Quando se constata o que, há algum tempo, vem ocorrendo em nosso país, não se pode calar a crítica, menos para não irritar a soberba epiderme dos responsáveis,

18 Martín Cerda, “La cólera de la Sorbona”, *PEC*, Año VI, N° 284, 07 de junio de 1968, p. 15.

19 *Ibid*

20 Martín Cerda, “Algunos puntos sobre las íes”, *PEC*, Año VI, N° 286, 21 de junio de 1968, p. 14-15.

21 De fato, na PEC se destaca que seja o mesmo Cerda que tenha sido, “possivelmente, um dos primeiros a se referirem no Chile, a Herbert Marcuse”. Martín Cerda, “Algunos puntos sobre las íes”, *PEC*, Año VI, N° 286, 21 de junio de 1968, p. 14.

22 Martín Cerda, “La cólera de la Sorbona”, *PEC*, Año VI, N° 284, 07 de junio de 1968, p. 15.

mas principalmente para mostra-lo a esse tribunal tácito que é a juventude. Quando, em todas as partes do mundo, a nova geração se levante violentamente, contra os ídolos de uma sociedade vazia, arrastando, a seu passo, com todas as liturgias, são os intelectuais que retomam a palavra²³.

A coluna de Pectrotter antes citada assinala, igualmente, a necessidade de inscrever os recentes acontecimentos da França no contexto mais amplo das transformações que vinham se dando desde os anos 1960, formulando porém uma compreensão desse contexto a partir de uma posição essencialmente anticomunista. O problema na França é visto como um fenômeno que remonta ao último decênio, no qual “De Gaulle preferiu esculpir os raios de uma coroa de grandeza, não isenta de certas conquistas transitórias, em vez de enfrentar os problemas reais do país”²⁴. Especificamente, um dos problemas dessa personificação do presidente francês com o poder foi a excessiva importância que ele deu à política externa, que, apesar de ter consolidado uma aparente posição de poder, também permitiu ao Partido Comunista uma posição forte ao apoiar de maneira decidida a política externa de De Gaulle. A opinião do crítico é compartilhada pelo círculo editorial da revista, que vê o presidente da França e o comunismo como os principais culpados dos eventos que estão sendo vividos na capital francesa: “No seu afã de humilhar a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, também abriu as portas à Moscou e Pequim. Vivía no ambiente inebriado de otimismo, que o fez criar sua propaganda despropositada, enquanto os comunistas tomaram todas as posições estratégicas”²⁵. Segundo o comunista Pectrotter, o caso francês representa um claro exemplo de que o partido comunista conseguiu “congregar a união de todas as forças com um programa de ação comum, com todos aqueles que tinham interesses genuínos na modernização da França, sem que se perdessem as liberdades”²⁶, manejando esse capital político em direção ao caos que demonstra, inclusive, a ingerência chinesa nas aspirações estudantis.

Jogando com as aspirações legítimas da juventude francesa, em prol de uma modernização das universidades, e pela adoção de atitudes de maior responsabilidade, por parte das autoridades *degaullistas*²⁷, na Sorbonne, os chineses e seus amigos organizaram um movimento na universidade que demonstrou possuir um poder de combustão suficiente para transformar as ruas do Bairro Latino em

23 Martín Cerda, “Algunos puntos sobre las íes”, *PEC*, Año VI, Nº 286, 21 de junio de 1968, p. 14.

24 Pectrotter, “Francia, en la encrucijada. Una lección para Chile”, *PEC*, Año VI, Nº 282, 24 de mayo de 1968, p. 12.

25 Observador, “Las semillas de la tormenta”, *PEC*, Año VI, Nº 284, 07 de junio de 1968, p. 7. Essa posição é homologada neste mesmo artigo, com o que está fazendo no Chile o Canciller Gabriel Valdés, que, “com seus vistos, abriu as portas a todos os melhores agitadores internacionais do comunismo”.

26 Pectrotter, “Francia, en la encrucijada. Una lección para Chile”, *PEC*, Año VI, Nº 282, 24 de mayo de 1968, p. 12.

27 Grifo da tradutora.

um caos de soldados vermelhos. (...) Mas, quando se deu conta da força e do poder desses grupos, fria e cruelmente, decidiu gerenciar a “revolução”. E, indubitavelmente, que poderia fazê-lo, porque os poderes ocultos do Partido Comunista abriram seus casulos e se transformaram em flores exuberantes, com raízes que haviam sido enterradas na década anterior, em todas as rachaduras da sociedade francesa, com ramos entrelaçados em espiral, em todas as fábricas do país²⁸.

Para a revista, o ocorrido na França constitui um problema importante para a ordem democrática mundial, algo que evidencia uma nociva interferência de agendas políticas externas e que inspiraram – e pode seguir fazendo-o – outros movimentos em países que olham para esse exemplo. As demandas dos estudantes parisienses terminam se confundindo, em “sua sangrenta revolta”²⁹, liberdade com libertinagem, esse “vento de anarquia que nos últimos tempo sopra por sobre quase todas as universidades do mundo”³⁰.

Não obstante, faz-se uma diferença clara entre o caso francês e outros similares que ocorreram naquele tempo, uma vez que aí existiria: “uma estrutura democrática com o qual se trata para resolver a situação de acordo com suas próprias tradições e cultura”³¹. É aí onde reside a diferença, também defendida no artigo da revista *Time*, com o caso tchecoslováquio. Neste último, os estudantes “tiveram mais êxito: seus protestos foram fator de peso na derrocada do stalinismo senil e no impulso que deram ao Governo para que se estruturasse de forma positiva, concedendo maiores liberdades”³². Para a *PEC*, o caso tcheco representa um cenário de crise do stalinismo e, portanto, um triunfo da democracia. Os estudantes checos tentam libertarem-se da manipulação soviética nos assuntos internos (seguindo a “teoria de que o que é seu é seu, e o que não é, deveria ser”³³), e por isso na *PEC* se alentam suas motivações e louvam a integridade e o espírito dos seus estudantes na persecução de um ideal libertário. “Uma vez mais foram os estudantes tchecos, sem interferências estrangeiras, com o único alento indomável da liberdade que sopra através das fronteiras (...), aqueles que trouxeram a insurreição e, mais uma vez, foi a massa do povo, cujos problemas da vida cotidiana foram sacrificados pelas pretensões de uma pequena

28 Pectrotter, “Francia, en la encrucijada. Una lección para Chile”, *PEC*, Año VI, Nº 282, 24 de mayo de 1968, p. 12.

29 Observador, “Las semillas de la tormenta”, *PEC*, Año VI, Nº 284, 07 de junio de 1968, p. 7.

30 *Ibid*

31 Pectrotter, “Francia, en la encrucijada. Una lección para Chile”, *PEC*, Año VI, Nº 282, 24 de mayo de 1968, p. 13.

32 “¿Por qué protestan los estudiantes?”, *PEC*, Año VI, Nº 280, 10 de mayo de 1968, p. 14.

33 Pectrotter, “Francia, en la encrucijada. Una lección para Chile”, *PEC*, Año VI, Nº 282, 24 de mayo de 1968, p. 13.

elite, que acrescentou sua força ao movimento³⁴.

Por outro lado, é relevante o paralelo que traça o autor com a situação do Chile e o posicionamento singular que o partido Comunista tem no campo cultural. À diferença da França, o Chile – assim como a Tchecoslováquia – não conta com uma tradição democrática tão sólida como para neutralizar a ideologia comunista. De fato, o autor se queixa de que “o país contempla superficialmente a relação que existe entre a URSS e um partido comunista (o do Chile é um dos mais disciplinados, com melhor organização, mais enérgicos e o mais maduro da América Latina) que se estende como um polvo que lança seus tentáculos com suavidade, enroscando-se em cada uma das forças políticas restantes e influenciando cada setor da atividade governamental³⁵. As estratégias que o Partido Comunista chileno emprega são muitos, e o que ocorre com o movimento estudantil faz parte de um plano maior “para financiar as atividades de enfraquecimento da estabilidade democrática no Chile³⁶. E é por isso que o autor lança uma admoestação sobre - em sua opinião - o principal setor responsável pelo avanço das manifestações: a burguesia. “Seria devido à sua cegueira diante da evidente ameaça para a democracia chilena atual, e sua relutância em coligar-se, mesmo ante um programa positivo, para fazer as mudanças de progresso e democracia³⁷.”

A revista tende, dessa maneira, a apontar uma preocupação pelos alcances da radicalização do discurso estudantil e a extrema politização nas universidades locais³⁸. Este último se manifestaria, por exemplo, no distanciamento entre as autoridades das faculdades de Filosofia e Educação e a de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade do Chile, bastiões das principais posições políticas que se enfrentavam. O debate que há dentro da universidade, encabeçado pelos decanos Hernán Ramírez Necochea e Eugenio Velasco Letelier, respectivamente, permite ao semanário revelar um problema de fundo no conflito: a influência nociva da política no movimento reformista e, em particular, do Partido Comunista. Nesse sentido, para *PEC*, o apoio de Ramírez Necochea à participação dos estudantes na tomada de decisões dentro da universidade está condicionada à sua filiação política: “Colocado nesse cargo para cumprir tarefas que lhes foram encomendadas por seu partido, o comunista, realizou um

34 *Ibid*

35 Pectrotter, “Francia, en la encrucijada. Una lección para Chile”, *PEC*, Año VI, Nº 282, 24 de mayo de 1968, p. 13.

36 Pectrotter, “Francia, en la encrucijada. Una lección para Chile”, *PEC*, Año VI, Nº 282, 24 de mayo de 1968, p. 14.

37 *Ibid*

38 A esse respeito, podemos destacar a criação da seção “Desde as aulas”, a cargo de “Desde as aulas”, responsável pelos correspondentes universitários que escrevem para a *PEC*, colocando os leitores em contato com o que acontece nas universidades através da voz de seus próprios atores.

bom trabalho³⁹. A situação dos líderes estudantis mantém, obviamente, a mesma tendência, segundo a revista: o jovem líder da FECH, Jorge Navarrete Martínez, no faz senão seguir “as correntes do seu líder Don Rodrigo Ambrosio, e este aquelas de seu patrão, o Sr. Chonchol”⁴⁰. Em troca, outras autoridades tentariam velar pela ordem e pelas grandes ideias, para além da política contingente:

A posição de Velasco e de outros Decanos de Medicina, Engenharia, etc., é uma defesa de valores puramente universitários, e que tendem a efetuar uma Reforma dentro dos canais lógicos, tentando manter ileso o princípio da autoridade que tão nocivo a ser trazido para o presente, especialmente no Instituto Pedagógico⁴¹.

Esses decanos “defensores da ordem” veem com temor o fato de que os estudantes chilenos tomem uma posição de poder similar a de outros países latino-americanos (o caso chileno “não estaria seguindo o caminho das Universidades mais avançadas do mundo, mas sim, ao contrário, seguiríamos o caminho que nos apontam as Universidades do Equador, Venezuela, Colômbia, etc.”⁴²) e, ainda pior, que as autoridades da mesma universidade, como Ramírez Necochea, se deixem seduzir pelas ideias comunistas vendo no voto estudantil “a máxima conquista que poderia alcançar os estudantes”⁴³. Inclusive, vincula-se o agir irresponsável do decano Ramírez – a saber, não atacar as resoluções do Conselho universitário – diretamente com a renúncia do reitor da universidade e a ocupação da Casa Central pelos estudantes democráticos cristãos⁴⁴, aprofundando assim a crise institucional por privilegiar o ideário político. Entretanto, não é só o decano da Faculdade de Filosofia e Educação que se deixa seduzir pela política nesses momentos tão importantes para o futuro da educação nacional, mas também que esta politização é que determina o agir passivo do reitor, que “só contempla a destruição cotidiana da universidade⁴⁵” devido ao fato de estar mais preocupado com sua reeleição. “Essa é a razão que teve para ameaçar renunciar ao seu cargo se alguma medida fosse tomada contra a Universidade de Filosofia e Educação”⁴⁶.

Esta falta de ação das autoridades e diretivas dentro das universidades é que constantemente a revista condena e da qual parecem alimentar-se os partidos políticos para estender suas influências. O

39 “Las pirañas del Pedagógico”, *PEC*, Año VI, Nº 283, 31 de mayo de 1968, p. 8.

40 Ver Observador, “Las semillas de la tormenta”, *PEC*, Año VI, Nº 284, 07 de junio de 1968, p. 7.

41 “Debate en la Universidad”, *PEC*, Año VI, Nº 282, 24 de mayo de 1968, p. 8.

42 *Ibid*

43 “Debate en la Universidad”, *PEC*, Año VI, Nº 282, 24 de mayo de 1968, p. 8.

44 Ver Observador, “Las semillas de la tormenta”, *PEC*, Año VI, Nº 284, 07 de junio de 1968, p. 7.

45 “Debate en la Universidad”, *PEC*, Año VI, Nº 282, 24 de mayo de 1968, p. 8.

46 *Ibid*

mais perigoso é o comunista cujas equipes “utilizam os partidários e ativistas que empurram os indecisos, ingênuos e cegos”⁴⁷. Porém, a Democracia Cristã não fica atrás nesta tarefa, como vimos na percepção do círculo editorial da *PEC* sobre as indecisões do governo em diversas etapas das mobilizações. Tendo essa matriz em comum, para a revista não há surpresa no fato de que ambos os partidos se fundam no nível universitário seguindo o caminho marcado por suas ações no nível da alta política. Sendo os dois grupos majoritários entre os estudantes “chegaram a um acordo sobre os objetivos da luta em que estão empenhados e os procedimentos que empregaram para alcançar os fins propostos. A mesma união sagrada política dos que iam apresentar a batalha fantasma do golpe de Estado de um mês atrás voltaram a formar-se!”⁴⁸.

Dito isto, podemos advertir novamente essa crítica implícita por parte da revista em direção àquela burguesia que se deixa estar, que permite ingenuamente que estas ideias se propaguem e cresçam sem perceber as consequências danosas que podem ter - aos olhos dos mesmos colaboradores da publicação - nas estruturas fundamentais da sociedade⁴⁹. Lembremos que a demanda de co-governo é uma das mais criticadas pela revista, “inaceitável em princípio”⁵⁰, e que “fracassou onde quer que tenha sido testado”⁵¹ em particular quando a vê “como o único meio de conseguir efetivamente que a Universidade se transforme em um elemento ativo eficaz da Revolução”⁵². As autoridades universitárias não foram capazes de gerir esses anseios excessivos dos estudantes em relação ao co-governo, nem na

47 “Las pirañas del Pedagógico”, *PEC*, Año VI, Nº 283, 31 de mayo de 1968, p. 8.

48 Ver Observador, “Las semillas de la tormenta”, *PEC*, Año VI, Nº 284, 07 de junio de 1968, p. 7. É interessante que a preocupação da *PEC* com sua presença nas redes revolucionárias no interior do conflito estudantil não se limita à Universidade, mas também é possível percebê-la antes em alguns estabelecimentos escolares. Em um artigo do colunista “Bigote”, intitulado “O co-governo”, publicado na edição de 31 de maio, de maneira irônica mostra-se o panorama de uma mobilização no interior de um colégio chamado “Machuca English School” e que representa na realidade o colégio particular Saint Geroge’s College, estabelecimento frequentado justamente por muitos daqueles que posteriormente frequentam a universidade e lideram os grandes movimentos estudantis que vive o país. É assim quando se propõe entre os estudantes a famosa ideia do co-governo “nenhum dos rapazes do Machuca sabia como o aquilo era feito”, e diante desse dilema eles pedem a um deles “que convide um primo que é do MIR e estuda na Pedagógica” para dar instruções sobre como proceder. Na paródia que a revista apresenta se vê claramente a intenção de denunciar o quão caprichoso e caótico que é parece a organização estudantil e o escasso conhecimento que se tem, na prática, das prerrogativas exigidas, bem como chamar novamente a atenção para a facilidade com que as ideias dos partidos de esquerda podem permear e danificar os espaços institucionais. Ver “El co-gobierno”, *PEC*, Año VI, Nº 283, 31 de mayo de 1968, p. 3.

49 Um exemplo disso pode-se encontrar nas críticas do colunista Alfinete, a leviandade com a que trata o conceito de revolução por parte das autoridades. Para isso, cita as palavras de Ricardo Jordán, presidente de PLANDES, quem em um seminário na sede do Conselho de Reitores havia dito que “a Universidade está a serviço da mudança. Essa é sua missão transcendental e quando essa mudança é revolucionária, a universidade está a serviço da revolução”. Essas palavras representam claramente um ato de irresponsabilidade para o comunista, dado que dá à universidade um caráter revolucionário no momento que o conceito está ideologicamente carregado de sentido, e, além disso, porque “a palavra revolução tem conotações distintas para comunistas, cristão democráticos ou neoliberais”. Ver Alfinete, “¿Universidad al servicio de la revolución?”, *PEC*, Año VI, Nº 284, 07 de junio de 1968, p. 16. Encontramos outro Exemplo semelhante na coluna “La universidad y sus alrededores”, onde o Observador aponta a facilidade com que se elabora o conceito de “povo” para vinculá-lo ao da universidade: “Una universidad para el pueblo”, “La universidad junto al pueblo”. Ver Observador, “La universidad y sus alrededores”, *PEC*, Año VI, Nº 285, 14 de junio de 1968, p. 7.

50 “¿Hacia dónde van los conflictos universitarios?”, *PEC*, Año VI, Nº 283, 31 de mayo de 1968, p. 8.

51 *Ibid*

52 *Ibid*

Universidade Católica, nem na Federico Santa Maria primeiro, nem na Universidade do Chile um ano depois. Diversas mudanças de reitores⁵³. “a ocupação dos locais universitários pelos alunos, a rebelião da Faculdade de Filosofia frente ao Conselho Universitário” são alguns exemplos. Finalmente vemos como por trás das ideias do co-governo se nota um potencial predomínio da ideologia comunista: “depois do co-governo universitário, os comunistas exigiram um co-comando de soldados e oficiais das Forças Armadas, mais adiante o copoder do país (que já o tem, em certa medida), para implantar, por último, depois de passar por um simulacro do sistema pluralista, o governo único e total de seu partido”⁵⁴.

Efetivamente, uma das principais demandas que articularam o discurso político dos estudantes foi o co-governo e as formas de estabelecê-lo no interior das instituições universitárias. Em relação a isso, a revista insiste na “diferença substancial entre a assessoria dos alunos e o controle dos mesmos (...) Uma universidade não é uma democracia e não pode chegar a sê-lo sem risco de cair na anarquia”⁵⁵. Para a *PEC* esta situação do Chile é complicada porque não se vê possibilidade alguma de que o governo democrata cristão de Eduardo Frei impor a ordem, como se evidencia quando diante de diversos episódios de violência ocorridos nas casas dos estudantes, este tenha simplesmente, “cruzado os braços”⁵⁶. Mas, como apontamos anteriormente, é também o papel das autoridades e de alguns acadêmicos universitários, o que fortalece essa demanda entre os próprios estudantes. Sobre este assunto, pode-se apontar o caso da reforma na Universidade Católica de Valparaíso, onde parece interessante constatar o papel das autoridades da Faculdade de Arquitetura, o arquiteto Alberto Cruz e o poeta uruguaio Godofredo Iommi. O discurso dessas autoridades – mais relacionado com as ideias de vanguarda dos anos 1930 do que com uma ética de uma “comunidade universitária” que talvez funcionasse como modelo para as demandas da democratização em outras casas de estudo. O manifesto de 15 de julho de 1967, assinado pelos professores da Faculdade de Arquitetura, aponta uma “nova ordem”, na qual a universidade responda efetivamente pelas necessidades do país, fundado na exigência de:

53 Como a chegada de Fernando Castillo Velasco na Universidade Católica e a renúncia do reitor da Universidade do Chile em maio de 1968. Para a revista, a precariedade da estabilidade institucional é tamanha que inclusive se chega a vincular a inanição do Governo com finalidades políticas ulteriores. Um exemplo disso é que diante das revoltas do ano de 1967 nas Universidades Católica e Santa Maria, o Governo nada fez. “Os resultados políticos de ambas as jornadas foram claros. As duas universidades entregaram suas Reitorias à Democracia Cristã”. Ver Observador, “Las semillas de la tormenta”, *PEC*, Año VI, Nº 284, 07 de junio de 1968, p. 7. De fato, nessa coluna também se insinua que a falta de uma posição enérgica por parte do governo ante os conflitos do Conselho Universitário da Universidade do Chile obedeceria, outra vez, a uma intenção política. A instabilidade da posição do reitor Eugenio González Rojas permitira à Democracia Cristã incluir aí também o seu militante, Jorge Mardones.

54 “¿Hacia dónde van los conflictos universitarios?”, *PEC*, Año VI, Nº 283, 31 de mayo de 1968, p. 8.

55 “¿Por qué protestan los estudiantes?”, *PEC*, Año VI, Nº 280, 10 de mayo de 1968, p. 15.

56 Observador, “Las semillas de la tormenta”, *PEC*, Año VI, Nº 284, 07 de junio de 1968, p. 7. Aquí se alude às manifestações já mencionadas no ano de 1967 na Universidade Católica e na Federico Santa María.

distinguir com clareza que a universidade é principal e somente mestre, professores e alunos; distinguir a política, o valor social, a extensão da cultura, o sufrágio das necessidades peremptórias do que é realmente uma casa universitária. Para esta nova ordem, com base em tais distinções, entre em vigor, torna-se imperativo aqui e agora, sem qualquer atraso possível, realizar a mudança radical e inadiável das estruturas que mantêm nossas universidades⁵⁷.

O papel desempenhado por alguns acadêmicos, professores e intelectuais seria importante nesta experiência de reforma⁵⁸, e configuraria as discussões em relação à mudança no modelo das instituições universitárias; não obstante, a distinção entre a reforma e a revolução atuaria efetivamente como critério das principais discussões do período. Em 1969, por exemplo, a revista *Cormorán*, da qual participavam intelectuais como Enrique Lihn e Germán Marín, publica uma opinião de Alberto Escobar sobre o processo da reforma universitária “desde cima” que fora recentemente concretizada sob a direção do Estado do Peru, de onde ressalta o perigo de uma reforma que excluía as demandas revolucionárias dos estudantes:

Do nosso ponto de vista, o novo corpo legal poderia definir-se por uma “inspiração” ou “fundo ideológico” “conservador” e por uma “forma institucional” “moderna”. Vale dizer que, se por um lado renova aspectos de organização administrativa e acadêmica e tende a fortalecer uma dinâmica intra-institucional, uma vez que cria uma coordenação interuniversitária, de outro lado restringe os pedidos do país, e ao convertê-la em um instrumento decisivo nas mãos do Reitor, introduzindo-se um princípio de verticalidade contrário a nossas tradições acadêmicas; se restringe, ainda, a responsabilidade docente, que se expressava através de organismos mediadores; ameaçava-se sua autonomia; atenta-se de maneira grave contra a liberdade de pensamento e expressão, ao indicar o “ativismo” e o proselitismo político como causa de separação entre mestres e alunos, e se introduz uma série de dispositivos que poderiam se entendidos como um sistema para converter a Universidade “popular” (pela classe social da maior parte dos estudantes) em uma instituição de classe média⁵⁹.

Do ponto de vista da revista *PEC* e dos setores mais moderados da reforma 1968, nesse sentido, são os acadêmicos que aparecem como “uma barreira natural”⁶⁰ contra a radicalidade do movimento

57 Godofredo lommi. *Fundamentos de la Escuela de Arquitectura. Manifiesto del 15 de julio de 1967*. [online]: <https://www.ead.pucv.cl/wp-content/uploads/2008/10/manifiesto.pdf> Acesso em 12/03/2018

58 Apos este manifesto, que desconhecia na prática a autoridade do reitor, o Conselho Superior da Universidade aprovou a realização de mudanças e a futura eleição democrática de um novo reitor, decisão que logo foi ignorada por autoridades superiores, desencadeando a ocupação da Casa Central de 19 de junho por parte dos professores e estudantes. Raúl Allard Neumann. *35 años después. Visión retrospectiva de la Reforma 1967-1973 en la Universidad Católica de Valparaíso*. Ediciones de la Universidad Católica de Valparaíso, 2002

59 Alberto Escobar. “La Universidad peruana” *Cormorán* Año 1, No 3 (1969), p. 5

60 “¿Hacia dónde van los conflictos universitarios?”, *PEC*, Año VI, Nº 283, 31 de mayo de 1968, p. 8.

estudantil, “em que co-dirigem democratas cristãos e comunistas”⁶¹, o que “resulta evidente que a utilização da Universidade com fins políticos, dificilmente se conseguirá se são os professores os que governam a Universidade”⁶². Para os acadêmicos, portanto, lhes caberia velar para que não se termine substituindo “a qualidade pela demagogia, a seleção pela mediocridade, e a razão pela força”⁶³. Por causa desta situação é que a *PEC* celebra a emergência dos grêmios na Universidade Católica⁶⁴, posição política à qual a revista se aproxima mais precisamente porque seus slogans visam despolitizar o conflito. A emergência dos grêmios como uma voz imponente dentro dessa casa de estudos é mais que oportuna, “porque em um momento em que o professorado de todas as Universidades do país cede, covardemente, permitindo a imposição do co-governo, aparece como especialmente meritório que é um grupo de estudantes que levantam a voz, com coragem e serenidade, em defesa dos princípios corretos da vida universitária”⁶⁵. Esse grupo aparece como uma possibilidade para voltar a estabelecer entre o corpo discente a ideia de que eles são parte da comunidade universitária, mas que estão “por sua própria definição, em uma condição que lhes impede de governar nessa mesma comunidade”⁶⁶. Nesse sentido, para *PEC* é praticamente o mesmo “falar de comunidade universitária e falar de hierarquia”⁶⁷: esta é a última estrutura da própria instituição e aquela que permite que “prevaleça a luz da qualidade sobre a demagogia da quantidade”⁶⁸.

O 1968 e a nova esquerda: ponto final

Para considerar a interpretação do movimento estudantil no caso do *Ponto Final*, é necessário considerar os debates que articulam o campo de disputa sobre a revolução na segunda metade da década de sessenta. De acordo com Manuel Fernández, a revista dirigida por Manuel Cabieses responde a um momento em que se começa a reformular a cultura política de esquerda no Chile, iniciando um giro desde as tradições enraizadas no marco institucional do Partido Comunista e Socialista, até as novas modalidades do tempo histórico. Entre 1965 e 1973, desse modo, através da revista “se vai construindo

61 *Ibid*

62 *Ibid*

63 *Ibid*

64 Nas últimas eleições haviam tirado 40% da votação. A situação da Universidade Católica é em particular perigoso posto que acabava de aprovar por parte do Reitor Fernando Castillo Velasco, quem inclusive “fui muito mais além do que o decano comunista da Faculdade de Filosofia da Universidade do Chile, Hermán Ramírez Necochea”. Ver D. Ripper, “El co-gobierno en la U. Católica”, *PEC*, Año VI, Nº 285, 14 de junio de 1968, p. 22.

65 “¿Participación estudiantil o co-gobierno universitario?”, *PEC*, Año VI, Nº 285, 14 de junio de 1968, p. 8.

66 *Ibid*

67 *Ibid*

68 *Ibid*

uma comunidade de intelectuais a serviço da revolução, os quais em seu processo de construção como tais formulam parte do projeto revolucionário chileno, o qual se expressa nas análises propostas, em sua visão sobre o processo revolucionário do continente, no resgate das experiências, suas visões sobre os ícones e os feitos que dão sentido ao tempo, ao tempo histórico em que ocupam um lugar como ator”⁶⁹.

Com respeito ao que vimos na *PEC*, percebemos algumas similaridades com *Punto Final* no que tange à tomada de consciência que é possível perceber, no período em questão, sobre o caráter histórico especial que está sendo vivido. Entendendo a situação atual como parte de um futuro que parece apontar para a sua realização histórica, a revista dá grande importância aos eventos do primeiro semestre de 1968 e tenta refletir sobre o que está acontecendo no Chile em relação a esses processos e como eles estão sendo percebido pela mídia local. Em particular, *Punto Final* se detém no movimento estudantil que tem se manifestado no mundo nos últimos tempos, cujas origens no caso latino-americano remontam a junho de 1918 na cidade de Córdoba e foi “um dos mais importantes movimentos juvenis de massa na América Latina, que se chamou doravante ‘Reforma Universitária’”⁷⁰. Sobre o desenrolar dessa efervescência estudantil que se vivia em outros lugares do mundo, também vemos uma coincidência com a *PEC* na importância que se atribui às manifestações nos Estados Unidos com as quais, inclusive, se pode estabelecer um “interessante paralelo com algumas das etapas do movimento reformista na América Latina, a partir de 1918”⁷¹.

Agora, no que diz respeito às mobilizações europeias que antecederam o maio francês, a revista acompanhou de perto sua evolução através das informações da imprensa internacional, da rádio e até dos correspondentes nos principais epicentros dos conflitos⁷². Nesse sentido, também podemos destacar os artigos “La juventud europea también se rebela” e “Una vanguardia surge en Italia”, publicados na seção “Documentos” da edição de 09 de abril de 1968. O elemento mais importante que se destaca em ambos os textos é o surgimento de novos fenômenos associados a jovens estudantes. Aponta-se, por exemplo, que “hoje estamos testemunhando no mundo, especialmente nas sociedades desenvolvidas, a formação de grupos ou movimentos políticos - compostos essencialmente por jovens, principalmente intelectuais

69 Manuel Fernández. “Los intelectuales de izquierda y la construcción de un imaginario revolucionario para Chile y América Latina. Revista *Punto Final* entre 1965-1973”, em *Tiempo Histórico* No 2 (2011): pp. 65-84. Ver também: Manuel Cabieses. *Punto final: autobiografía de un rebelde*. Santiago: Oceano Sur, 2015.

70 “Poder estudiantil’ en los Estados Unidos”, *Punto Final*, Año II, Nº 56, 04 de junio de 1968, p. 14.

71 *Ibid*

72 Ver por exemplo o relato de um estudante chileno residente em Paris na coluna “Los comités de acción franceses”, *Punto Final*, Año II, Nº 58, 02 de julio de 1968, pp. 26-27.

e estudantes -, genericamente chamados de ‘nova esquerda’⁷³. Ao contrário da posição frequentemente depreciativa em relação a essa geração de jovens que vimos na *PEC*, chama-se a atenção para o papel fundamental que ela está desempenhando na renovação da esquerda”, tanto no que se refere à sua organização quanto aos métodos de trabalho, bem como os problemas nos quais concentram⁷⁴. Além disso, devido à particularidade de que esses movimentos juvenis não estão restritos à esfera local, eles seriam mais capazes de entender o que está acontecendo globalmente, especialmente “procurando uma identificação com os problemas do ‘terceiro mundo’⁷⁵. No caso das manifestações na Itália, que se multiplicaram em todo o país a partir de novembro de 1967, a novidade reside no fato de apresentar “novas características políticas e sociais, novos conteúdos ideológicos livres de qualquer dogmatismo e esquemas⁷⁶. O radicalismo em seu espírito de luta e suas novas “táticas guerrilheiras” de combate fazem com que sua ação transcenda os problemas universitários⁷⁷. As mobilizações italianas – como as da Universidade de Turim, no final de 1967, com suas filmagens e a entrega de “contra-cursos⁷⁸ – são importantes porque mostram a existência de uma “consciência internacionalista do movimento, e que já é um fato reconhecido que a vanguarda estudantil tornou-se rápida e inesperadamente a vanguarda revolucionária do país⁷⁹.

Por outro lado, *Punto Final* coincide com o diagnóstico de vários colunistas da *PEC* acerca dos movimentos estudantis ao julgá-los como uma resposta à crise da ordem tradicional ainda predominante nos países desenvolvidos e nos que estavam em vias de desenvolvimento. Eles tomam como mote de luta o confronto com todos os tipos de imperialismo e colonialismo, e é por isso que a luta do Vietnã foi identificada como um dos eventos que explica a irrupção dessa atmosfera revolucionária, porque “a atitude do povo vietnamita transcende o exemplo inspirador: no Vietnã, você luta pela liberdade do mundo inteiro” (NR85). Vale a pena lembrar, neste sentido, a mensagem que Che Guevara proclamou alguns anos antes, por ocasião da Conferência para a Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina em Havana (1966), no qual aponta o futuro brilhante “se dois, três, muitos Vietnãs florescerão na superfície do globo”, transformando assim a luta anti-imperialista na Ásia em um bastião internacional

73 E. R. Bravo y A. Ferrari, “La juventud europea también se rebela”, *Punto Final*, Año II, Nº 52, 9 de abril de 1968, p. 1

74 *Ibid*

75 *Ibid*

76 Pagano, C. “Una vanguardia surge en Italia”, *Punto Final*, Año II, Nº 52, 9 de abril de 1968, p. 5.

77 *Ibid*

78 Entre estes, mencionam-se “El imperialismo de hoy”, “Vietnam”, “Problemas del Tercer Mundo”, “Marcuse” y “Filosofía de la Ciencia”.

79 Pagano, C. “Una vanguardia surge en Italia”, *Punto Final*, Año II, Nº 52, 9 de abril de 1968, p. 5.

dos significados e urgências da revolução em todo o mundo. O próprio Guevara, morto recentemente no contexto da experiência guerrilheira na Bolívia, testemunhou a linguagem e os dilemas desta nova esquerda, como assinala Eric Zolov:

Apesar da aparência de uma frente global articulada desde a reunião Tricontinental, a morte de Che Guevara poucos meses depois da Conferência, revelou as limitações do apoio logístico para levar a cabo a revolução armada na América Latina. Também expôs as divisões dentro da esquerda, nas quais se mantinham sob a superfície – em relação à solidariedade anti-imperialista. De fato, o fracasso de uma segunda conferência Tricontinental, originalmente planejada para 1968 no Cairo, apontou o final do movimento oficial “Tricontinental”. Ainda assim, mesmo morto, Guevara se transformou em uma metonímia da “Tricontinentalidad”. Ele personificou não apenas o solo a transcendência de qualquer fronteira, como também a figura heroica que situa a ideologia por sobre necessidades individuais⁸⁰.

Em 1968, *Punto Final* ecoa o chamado para contemplar no Vietnã e no “terceiro mundo” a representação da revolução internacional, ligando-a também aos movimentos juvenis daquele ano na Europa. “Foi o Vietnã, precisamente, o que acelerou a conscientização dos jovens sobre seu papel na esfera política, sobre a importância dos eventos que estão abalando o mundo de hoje, quebrando as barreiras que os prendem, levantando novas opções e princípios em oposição às técnicas dos políticos tradicionais, inúteis agora para enfrentar novas situações”⁸¹. Essa opinião é reafirmada pelo próprio Marcuse em entrevista ao jornal italiano *L'Espresso*, da qual *Punto Final* reproduz uma parte: “A primeira razão para esse desgosto pela sociedade em que vivemos é o Vietnã. No Vietnã, vemos a nação mais poderosa do mundo comprometida com a tentativa de destruir uma das pessoas mais pobres e mais fracas da Terra”⁸².

Para a revista, inspirada no que aconteceu na Indochina⁸³, os casos-chave para entender o fenômeno da radicalização da juventude na Europa até então eram os da Dinamarca, Suécia, Noruega e, em particular, da Alemanha, por serem os mais violentos dos últimos anos⁸⁴. Essa violência desatada nos permite obter duas conclusões claras para *Punto Final*: “Que o fenômeno ocorre exclusivamente

80 Eric Zolov, “La Tricontinental y el mensaje del Che Guevara. Encrucijadas de una nueva izquierda”, em *Palimpsesto* Vol. VI, No. 9 (enero-junio 2016), pp. 1-13.

81 E. R. Bravo y A. Ferrari, “La juventud europea también se rebela”, *Punto Final*, Año II, Nº 52, 9 de abril de 1968, p. 2.

82 “La internacional de los 20 años”, *Punto Final*, Año II, Nº 56, 04 de junio de 1968, p. 26.

83 De hecho se destaca que en algunas revueltas universitarias los estudiantes estén presentes los retratos de Ho Chi Mihn o banderas del FLN de Vietnam del Sur.

84 O caso alemão é seguido de perto pela revista devido à sua importância para o cenário europeu e global. Veja, por exemplo, o artigo que é publicado sobre o líder do movimento estudantil alemão Rudi Dutschke. “Rudi el Rojo’ un líder revolucionario”, *Punto Final*, Año II, Nº 54, 7 de mayo de 1968, pp. 26-27.

em universidades, pontos focais tradicionais da reação nacionalista e nazista⁸⁵, e que esse passado nazista ainda é forte na sociedade alemã, apesar do seu estado avançado de desenvolvimento industrial. Mas há outra peculiaridade do cenário alemão que este artigo menciona e que achamos interessante, porque nos dá evidências da autoconsciência gerada por volta de 1968 dessa atmosfera revolucionária global e da interconexão dos vários eventos que ocorreram em diferentes partes do mundo. Apesar de ser esta “nova esquerda” europeia “um fenômeno autêntico, nascido das condições locais em uma situação mundial de ascensão da luta revolucionária”⁸⁶, neste artigo os correspondentes destacam a influência dos acontecimentos dos Estados Unidos no desenvolvimento dessas novas ideias. Nesse sentido, não é uma semelhança entre dois casos que compartilham aspectos comuns devido a uma atmosfera revolucionária global, mas algumas das transformações europeias são inspiradas diretamente por exemplos norte-americanos. Um exemplo é a criação da “Universidade Crítica” de Berlim a partir do modelo das “Universidades Livres” norte-americanas⁸⁷, já que “ambas visam romper o monopólio burguês no campo da educação e superar a burocracia e o pudor da educação oficial”⁸⁸.

Diante do exposto, parece interessante notar o surgimento de uma representação política nos movimentos universitários, que se constituem a partir da explicação social e política da violência como característica de suas práticas, bem como da ruptura com a institucionalidade burguesa. Para Vania Markiarán, as concepções políticas da militância dos jovens de 1968 costumam ignorar sua expressividade e ruptura geracional, evidenciadas em suas práticas cotidianas como elemento constitutivo da ação política: “Parece – aponta – que até o início dos anos sessenta, pelo menos, os jovens militantes uruguaios não eram muito inovadores em seus usos e costumes. Os estudos das mobilizações relacionadas à Lei Orgânica da Universidade em 1958, por exemplo, enfatizam a capacidade de proposta das organizações estudantis, sua tenacidade e alcance, mas quase não mencionam especificamente características juvenis de seus modos de luta ou formas de sociabilidade de seus membros (além de algumas expressões lúdicas que certamente podem ser rastreadas até antigas tradições universitárias europeias)”⁸⁹. Pelo contrário, as práticas dos jovens de 1968 expressariam essa nova concepção geracional, como resultado de uma ruptura dentro das instituições (burguesas) que regulam a experiência social daquela juventude:

85 E. R. Bravo y A. Ferrari, “La juventud europea también se rebela”, *Punto Final*, Año II, Nº 52, 9 de abril de 1968, p. 4.

86 *Ibid*

87 E. R. Bravo y A. Ferrari, “La juventud europea también se rebela”, *Punto Final*, Año II, Nº 52, 9 de abril de 1968, p. 4.

88 *Ibid*

89 Vania Markarian. *El 68 uruguayo. El movimiento estudiantil entre molotovs y música beat*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2012, p. 26.

a universidade e a família. Numa visão revisionista da “geração” chilena de 1968, Gabriel Salazar aponta para a relevância da ética e do compromisso como vetores de identificação para “milhares de jovens brilhantes que desertaram de suas carreiras universitárias - renunciando ao brilhantismo do *establishment* - tornar-se profissional, em troca, na cruzada pelas mudanças estruturais”⁹⁰. Essa decisão implicaria, segundo o mesmo autor, uma tentativa global de dissolver as relações domésticas, consideradas incompatíveis com as demandas e exigências da militância da nova esquerda: “Isso incluía, muitas vezes, dissolver casamentos, em prol da libertação sexual e de expressividade emocional”⁹¹.

No entanto, além do aspecto geracional, é importante destacar a importância que *Punto Final* outorga ao fato de que no mês de fevereiro de 1968, nas cidades de Bremen e Kiel, e em meio a fortes manifestações devido ao aumento de impostos, “pela primeira vez em várias décadas (...) trabalhadores e estudantes marcham na Alemanha Ocidental lado a lado”⁹². Este fato sem precedentes mostra que “a ação estudantil está começando a romper o isolamento imposto pelo resto da sociedade”⁹³, e também que “pela primeira vez as organizações operárias, até agora completamente integradas ao protesto do sistema (...) aceitam a solidariedade ativa dos estudantes de esquerda, contestando-se mutuamente a iniciativa da ação”⁹⁴. Eventos como estes, entre outros que ocorreram durante os primeiros meses de 1968, são aqueles que começam a ser resgatados na revista como condutores de um momento particular para a realização de uma práxis revolucionária.

Kristin Ross apontou que algumas das práticas dos militantes franceses de 1968, como comitês de ação ou reuniões entre estudantes e trabalhadores, teriam buscado muito mais que a especialização da barricada, gerando novas estratégias de comunicação e alianças com outros setores sociais, nos quais se verifica “a irrelevância imediata da divisão do trabalho”⁹⁵, assim como a necessidade de romper com o elitismo e questionar as políticas de representação incorporadas na figura do intelectual⁹⁶. Isso também

90 Salazar, Gabriel. “De la generación chilena del 68: ¿omnipotencia, anomia, movimiento social?”, em *Proposiciones* No 12 (1986), p. 99.

91 *Ibid.* Essa perspectiva, do mesmo modo, deve ser colocada em diálogo com as abordagens que sinalizaram uma mudança na militância desde os anos 1970 e suas implicações para uma política de gênero na história da esquerda latino-americana. Ver, por exemplo, Cherrie A. Zalaquett. *Chilenas en armas. Testimonio e historia de mujeres militares y guerrilleras subversivas*. Santiago: Catalonia, 2009.

92 E. R. Bravo y A. Ferrari, “La juventud europea también se rebela”, *Punto Final*, Año II, Nº 52, 9 de abril de 1968, p. 5.

93 *Ibid*

94 *Ibid*

95 Kristin Ross, *May '68 and its Afterlives*. Chicago: University of Chicago Press, 2002, p. 74.

96 Um artigo assinado por Danielle e Jacques Rancière em *Les Lauriers de Mai ou les chemins du pouvoir*, que originalmente fora proposto como um dossiê para uma edição especial de *Les Temps Modernes*, apontava para uma crítica da *intelligentsia* e dos filósofos que tentavam se auto-afirmar, depois de maio, como representantes e intérpretes dos eventos. Essa crítica estaria muito mais próxima da experiência de novos projetos editoriais e práticas de militância acadêmica surgidas nos meses e anos posteriores aos eventos de maio, como o jornal *Libération*, *Les Cahiers du*

é destacado pela *Punto Final*, que resgata o fato de que os comitês de ação não são apenas “uma organização puramente estudantil, mas têm por objeto ação na sociedade que visa a sua transformação”⁹⁷. A crítica da especialização intelectual e das instituições representativas do conhecimento e da cultura, como a universidade, permitiria reconhecer de fato uma característica importante na possível articulação internacional desses fenômenos da “nova esquerda” no final da década de 1960⁹⁸. No caso da América Latina, Claudia Gilman aponta a preeminência de um discurso anti-intelectual dentro da esquerda até 1968, que é consagrado ao um lado das perspectivas dos guerrilheiros e da ética do sacrifício, como um dos aspectos possíveis que cercam a prática desses atores, ao mesmo tempo em que constrói, por outro lado, as esperanças e os mitos de uma mudança radical em suas condições de existência e determinações de classe⁹⁹. Para os jovens universitários, especialmente aqueles ligados a algum trabalho político no âmbito de partidos, das organizações sociais ou da Igreja Católica, isso implicava uma redefinição significativa dos referentes sociais de sua identidade¹⁰⁰.

Do ponto de vista dos debates intelectuais da esquerda latino-americana, essa abordagem da práxis revolucionária significaria também um questionamento das concepções sociais de identidade intelectual. A isso é que se refere o jornalista e poeta, que também integra o conselho editorial da revista, Hernán Lavín Cerda, em sua coluna “*Solo la revolución rescata la cultura*”, publicado na edição de 21 de maio 1968. Em sua opinião, essa ação revolucionária é absolutamente necessária para promover definitivamente o país e retirá-lo do atraso educacional e cultural que as estruturas burguesas e o reformismo das políticas governamentais democratas-cristãs de Frei parecem tê-lo condenado. Nesse sentido, os temas traçados “pelos intelectuais revolucionários e progressistas do primeiro mundo

Forum-Histoire o Les Révoltes Logiques.

97 Claudia Gilman. *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003, pp. 143-188.

98 Em um estudo no início dos anos setenta, por exemplo, um jovem colombiano chamado Antulio Segundo aponta a existência desses conflitos em sua vida cotidiana ao tentar integrar a experiência universitária e o trabalho político em um projeto de educação popular organizado por padres progressistas nos bairros de Bogotá: “Minha experiência em Galán”, disse ele, “revelou-me imediatamente que a sociologia ensinada na universidade não tinha sentido na vizinhança. O engraçado é que todos nós, que queremos nos tornar revolucionários na América Latina, começamos pela sociologia. Acreditamos que é o caminho para encontrar novas formas, quando na realidade é o pior caminho (...) Então eu simplesmente cancelei minha matrícula, não porque eu tivesse perdido o interesse pela sociologia, mas porque eu tinha percebido que esse tipo de sociologia era uma perda de tempo”. Gary MacEoin, *A las puertas de la revolución*. Caracas: Editorial Tiempo Nuevo, 1973, pp. 44-45.

99 “Los comités de acción franceses”, *Punto Final*, Año II, Nº 58, 02 de julio de 1968, pp. 26-27.

100 Na perspectiva do radicalismo estudantil que emergiu do movimento de 1968, pode-se encontrar não apenas uma crítica da especialização nas universidades, mas também a concepção neoliberal emergente do trabalho intelectual, como pode ser visto, por exemplo, na publicação *Sueldo para estudiantes*, editado por um grupo de estudantes e professores americanos nos anos setenta. *Wages for Students/Sueldo para estudiantes/Des salaires pour les étudiants*. Introducción de George Caffentzis, Monty Neill y John Willshire-Carrera. Nueva York, Santiago y Toulouse: Common Notions, Vaticanochico y Editions de l'Asymétrie, 2016.

(capitalista), do segundo (socialista) e do terceiro mundo (América Latina, Ásia e África¹⁰¹) são seguidos” na declaração geral do Congresso Cultural, desenvolvida em o mês de janeiro de 1968 em Havana, onde foi estipulado que: “... se a derrota do imperialismo é o pré-requisito inevitável para a realização de uma autêntica cultura, o fato cultural por excelência para um país subdesenvolvido é a revolução”¹⁰². Para Lavín, “a luta pela libertação será eminentemente uma ação ética e estética: um nascimento cultural”¹⁰³. A mudança significativa do intelectual rumo à revolução é uma perspectiva endossada pela declaração de Fidel Castro aos intelectuais, na quarta declaração do Chamamento de Havana, onde apela à necessidade de “reconsiderar o próprio conceito de responsabilidade intelectual”, uma perspectiva que implicará nos anos seguintes uma profunda autocrítica por parte de alguns setores da esquerda, ao mesmo tempo em que abre caminho para uma divisão e um confronto de ideias no seio da esquerda.

Dentro desta práxis revolucionária mundial, as diversas mobilizações estudantis em todo o mundo, bem como as discussões e reflexões que delas surgiram, tiveram um papel fundamental em particular a partir do momento em que começaram a conhecer bem o que se passava na França e como isso estava sendo percebido em outros lugares. Na edição de 21 de maio da *Punto Final* é onde primeiro encontramos uma coluna especialmente dedicada ao caso francês intitulado “La rebelión universitaria”, na qual o fenômeno é explicado como sendo impulsionado por ideias como o anti-imperialismo, a busca pela “Universidade Crítica” e a luta revolucionária dos países subdesenvolvidos (o Vietnã é o caso paradigmático). Sobre os eventos ocorridos nas mesmas universidades, chama-se a atenção para o fato de que os campi universitários “pela primeira vez em uma história de séculos foram invadidos por elementos repressivos uniformizados”¹⁰⁴. É esse fato violento que dividiu as opiniões, tanto daqueles que participam das mobilizações quanto da opinião pública sobre a liberdade de expressão na universidade, dividindo as águas entre aqueles que defendiam o “monopólio dos professores e o co-governo estudantil, e entre os partidários de uma disputa coerente de qualquer rebelião e os partidários dos “coléricos” de Nanterre e da Sorbonne”¹⁰⁵. Essas divisões explicam em parte o rompimento que se produziu na liderança estudantil, quando as maiorias tradicionais - a União Nacional dos Estudantes Franceses (UNEF), controlada por socialistas e aliados, e a União dos Estudantes Comunistas - foram forçadas a ceder

101 Hernán Lavín Cerda, “Solo la revolución rescata la cultura”, *Punto Final*, Año II, Nº 55, 21 de mayo de 1968, p. 22.

102 *Ibid*

103 *Ibid*

104 P. D. G., “La rebelión universitaria”, *Punto Final*, Año II, Nº 55, 21 de mayo de 1968, p. 30.

105 *Ibid*

espaço para novos grupos, que conseguiram estabelecer-se fortemente, como resultado de rebeliões, a exemplo do Comitê de Estudantes Revolucionários (CLER) e o da Juventude Revolucionária Comunista (JCR). No entanto, mais importantes parecem ser as transformações ideológicas, que permitem à revista estabelecer comparações com a realidade chilena. A radicalização da atual liderança estudantil levou a um reordenamento ideológico que identifica os *degaullistas* como o bloco reformista, “enquanto os comunistas, os membros da Federação de Esquerda e os centristas são considerados ‘conservadores’¹⁰⁶. Isso é semelhante ao que acontece no Chile, “onde o MIR e o Spartacus, por exemplo, recebem tratamento igual dos partidos tradicionais, enquanto que estes se sentem desfavorecidos pelos ‘conservadores’¹⁰⁷. Ao contrário do que foi visto no PEC, onde a relação entre o que aconteceu na França e a contingência nacional permaneceu mais ou menos no nível universitário, aqui percebemos como a divisão política dos estudantes franceses tem uma correlação mais direta com o cenário político nacional, derivando dele uma compreensão das divisões intelectuais entre reformadores e revolucionários.

A ligação entre o que aconteceu na França e a contingência nacional continuou durante as próximas edições da revista no mês de junho. Uma das conclusões mais importantes ao comparar o cenário parisiense com o local é que o primeiro serviu para impedir que o fervor reformista do movimento estudantil chileno alcançasse objetivos maiores, em conformidade com uma política moderada de acordo criticada pela revista. Assim, o movimento que ansiava por profundas reformas no sistema universitário acaba sendo “devorado pela tradicional máquina política”¹⁰⁸, pois as esferas gerenciais dos estudantes universitários buscam evitar que no Chile o francês aconteça (ou em outros casos como os da Bélgica, Espanha, Alemanha Ocidental ou Itália). As palavras citadas pelo presidente da Federação de Estudantes da Universidade do Chile, Jorge Navarrete, refletem claramente este espírito: “Não queremos - disse ele - transformar a Universidade do Chile em uma Universidade de Caracas, onde os estudantes resolvem seus problemas com armas de seus rifles. Também não queremos que os estudantes usem a Universidade para travar uma guerra urbana”¹⁰⁹. Até os próprios estudantes rejeitaram nos veículos midiáticos do país o slogan ideológico de “poder jovem” a qual “pela repercussão dos eventos europeus, foi aplicado pela imprensa ao movimento estudantil chileno”¹¹⁰. Dessa maneira, para a revista é muito

106 *Ibid*

107 *Ibid*

108 El ‘Poder Joven’ brota en Chile”, *Punto Final*, Año II, Nº 56, 04 de junio de 1968, p. 4.

109 *Ibid*

110 *Ibid*

importante refletir sobre a forma como as mobilizações europeias estão sendo compreendidas uma vez que, ao privilegiar essa atitude reformista que observa nos casos de outros países apenas exemplos que devem ser evitados devido a suas violentas consequências, abandona qualquer possibilidade de realizar verdadeiras transformações revolucionárias. Assim, como esperado, *Punto Final* observa que apenas o MIR recusou-se veementemente a assinar esses acordos, denunciando que “a intenção do compromisso político estudantil era” institucionalizar “a luta por reformas, ocultando seu sentido revolucionário”¹¹¹. Entre essas duas posições estão atualmente os jovens socialistas, que têm a responsabilidade de decidir se aceitam essa atitude moderada que finalmente entrega a direção do movimento à Democracia Cristã ou escolhe seguir o exemplo europeu mais radical que é “encabeçado por uma sólida vanguarda revolucionária”¹¹².

Baseado nesta crítica do espírito reformista vivido dentro das cúpulas de liderança do movimento, e que “levou a maior parte da FECH a evitar o desencadeamento de um movimento de juventude avassalador”¹¹³, é compreensível que haja objeções ao trabalho que as autoridades comunistas estão realizando, como Hernán Ramírez Necochea, decano da Faculdade de Filosofia e Educação, onde o movimento reformista nasce. O que na *PEC* era visto como uma influência negativa no interior do reformismo por parte de Ramírez Necochea (por incentivar a participação dos estudantes na eleição de autoridades), na *Punto Final* é avaliada como uma “manobra política destinada a produzir outra distribuição de poder”¹¹⁴. A troca de que o Conselho Universitário deixasse sem efeito a reorganização da faculdade (conflito que terminou com a demissão do Reitor González), “o decano Ramírez Necochea comprometeu-se com fato e que a Faculdade “iria ‘acatar estritamente as decisões do Conselho Universitário”¹¹⁵. Portanto, por trás dessa aparente crise, nada aconteceu, apenas a saída do reitor que criou um vácuo na posição que poderia beneficiar vários setores políticos que buscavam aumentar suas parcelas de poder¹¹⁶. Assim, “a partir de agora o programa de reformas poderia percorrer um túnel de interesses alheios ao movimento juvenil, uma força perigosa colocada sob controle institucional”¹¹⁷. Para

111 *Ibid*

112 *Ibid*

113 “La reforma es solo un paso”, *Punto Final*, Año II, Nº 57, 18 de junio de 1968, p. 6.

114 “El ‘Poder Joven’ brota en Chile”, *Punto Final*, Año II, Nº 56, 04 de junio de 1968, p. 5. Como exemplo dessas tensões dentro da Universidade, é possível relembrar a renúncia de Nicanor Parra ao cargo de Diretor do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia e Educação da Universidade do Chile, citando, apesar de sua simpatia pela Reforma, a rejeição da relação do reitor Ramírez Necochea com os estudantes.

115 “El ‘Poder Joven’ brota en Chile”, *Punto Final*, Año II, Nº 56, 04 de junio de 1968, p. 5.

116 Em particular para la Democracia Cristiana como también lo había advertido PEC.

117 “El ‘Poder Joven’ brota en Chile”, *Punto Final*, Año II, Nº 56, 04 de junio de 1968, p. 5.

a revista, esse triunfo do reformismo é amplamente explicado por meio da campanha ideológica que foi realizada pela imprensa contra a Faculdade de Filosofia e Educação, conseguindo instalar a ideia de que é hora das autoridades conservadoras assumirem poder para restaurar a ordem, e assim impedir que a Faculdade “se torne um ‘foco’, como na Venezuela, ou em um motor de luta social, como na Europa”¹¹⁸. Mas também devido à influência “que exerce sobre eles (os líderes da FECH) o exemplo que os líderes de partidos tradicionais criam, dos quais esses jovens já se sentem herdeiros”¹¹⁹.

No entanto, para a *Punto Final*, o movimento estudantil parece não estar completamente condenado a cair nas mãos desses arranjos políticos, graças ao fato de que seria composto principalmente de jovens, entre os quais muitos não cederão a essa atmosfera reformista. Eles não estarão “por muito tempo à margem, como espetadores, do processo de poder revolucionário que os jovens de todo o mundo protagonizam. Dentro da própria Universidade, existem setores que não estão comprometidos com o sistema e que continuam a lutar por uma autêntica reforma, e que a entendem em conjunto com um processo revolucionário coletivo, de caráter nacional”¹²⁰. Além disso, o movimento universitário chileno tem a particularidade de ter conseguido transcender a esfera puramente estudantil, estendendo-se ao campo dos trabalhadores, como evidenciado pelo fato de que “os funcionários da Universidade, agrupados em sua organização sindical, APEUCH, apoiaram o co-governo e expressaram sua esperança de que o movimento em andamento estaria em sintonia com a luta geral da classe trabalhadora para modificar fundamentalmente o sistema social e econômico vigente no país”¹²¹. Situação semelhante foi vivenciada no canal 9 da televisão, propriedade da universidade e cujas dependências também foram tomadas pelos alunos, onde os funcionários da emissora se mostraram solidários com eles e também incluíram “suas próprias demandas, exigindo a saída de algumas autoridades e pedindo a modificação do regime de trabalho naquela organização”¹²². Esse fato foi, por sua vez, apoiado pelos mesmos alunos, que “chegaram a um acordo com o reitor substituto para retomar as transmissões do Canal 9 - forneceram, por sua vez, a solução final para a aceitação das demandas dos trabalhadores”¹²³.

Para a revista, esse apoio mútuo entre estudantes e trabalhadores é interessante na medida

118 “El ‘Poder Joven’ brota en Chile”, *Punto Final*, Año II, Nº 56, 04 de junio de 1968, p. 6.

119 “La reforma es solo un paso”, *Punto Final*, Año II, Nº 57, 18 de junio de 1968, p. 6.

120 “El ‘Poder Joven’ brota en Chile”, *Punto Final*, Año II, Nº 56, 04 de junio de 1968, p. 6.

121 “El ‘Poder Joven’ brota en Chile”, *Punto Final*, Año II, Nº 56, 04 de junio de 1968, pp. 4-5.

122 “El ‘Poder Joven’ brota en Chile”, *Punto Final*, Año II, Nº 56, 04 de junio de 1968, p. 5.

123 *Ibid*

em que poderia indicar que rebeliões de estudantes podem efetivamente desempenhar um papel no processo revolucionário maior como articuladores de forças anteriormente ocultas ou inativas. Seguindo as palavras de Louis Althusser – publicado alguns meses antes por meio de uma carta que o filósofo francês envia em resposta a alguns estudantes colombianos em Paris – é injusto pensar que “somente camponeses e estudantes são capazes, temporariamente, de engajar-se em ações revolucionárias e esperar que a classe trabalhadora também esteja pronta”¹²⁴. Nesse sentido, não se trata de impor uma ordem hierárquica exclusiva que irá desenvolver o processo revolucionário, mas sim de ser “(...) necessário saber discernir o que acontece dentro das massas, saber o que são as massas objetivamente revolucionárias”¹²⁵ de acordo com cada cenário. Ao contrário da opinião daqueles que aludem ao fato de que na América Latina não há condições objetivas clássicas para uma verdadeira revolução devido ao atraso de sua classe proletária, a posição da revista contempla a possibilidade de surgirem outros que encaminhem e liderem o processo, na espera de que o proletariado alcance o nível de vanguarda em termos de forças revolucionárias. Deter o caminho revolucionário é apenas um reformismo simples, como Althusser aponta em sua avaliação das condições objetivas para a realização da revolução na América Latina: “A linha reformista gasta seu tempo dizendo que ‘a hora não chegou’, que ‘a situação não está madura’ e não faz nada para amadurecer; faz tudo o que é possível para evitar que ela amadureça”¹²⁶. Essa foi uma das transformações mais importantes que as manifestações na França produziram: o surgimento de uma “verdadeira revolta dos trabalhadores e dos camponeses”¹²⁷. Daí a importância anteriormente mencionada do movimento juvenil na aceleração desse processo, e em particular da rebelião universitária, “a única saída do fermento que durou muitos anos. A revolta estudantil absorveu e racionalizou as experiências políticas, o protesto associativo dos jovens não conformistas de todos os continentes”¹²⁸.

Essa relação direta entre o processo revolucionário, a juventude e o mundo universitário é finalmente encontrada na revista nas palavras do líder do movimento parisiense Daniel Cohn-Bendit:

Há pessoas entre nós para quem a luta contra o imperialismo e contra a exploração do Terceiro Mundo é o tema que por excelência provocou uma consciência política. Acreditamos que esta luta deve ser sustentada por uma ação destinada a destruir

124 “La fuerza dirigente de la revolución en América Latina”, *Punto Final*, Año II, Nº 52, 9 de abril de 1968, p. 17.

125 *Ibid*

126 *Ibid*

127 “Los comités de acción franceses”, *Punto Final*, Año II, Nº 58, 02 de julio de 1968, p. 26.

128 “La internacional de los 20 años”, *Punto Final*, Año II, Nº 56, 04 de junio de 1968, p. 26.

os centros de exploração que estão ao nosso alcance, na própria França. Mas o ponto de partida da politização que nos faz simpatizar com os explorados, deve estar concentrado na própria universidade ...

Agora, como o sistema de nossa sociedade é aquele que se enfrenta por meio do poder político, do capitalismo e de sua concepção da universidade, é ele mesmo que estamos enfrentando. A politização que pretendemos visa a isso: colocar em discussão o sistema capitalista, a função social que ele atribui à universidade e rejeitar que nós, os estudantes, continuemos a ser os futuros quadros que irão explorar a classe trabalhadora...¹²⁹

O conflito entre as tendências dentro da Universidade, desta forma, se entrelaça com as disputas sobre o significado da vanguarda que existiria na esquerda. Por essa razão, as perspectivas revolucionárias às quais o periódico se vincula parecem estar mais próximas das críticas dos estudantes em relação à conduta moral dos intelectuais no processo de transformação, que se manifesta a partir de uma desconfiança latente no contexto da reforma universitária. A revista *Cormorán*, por exemplo, aponta em 1969 a intervenção anônima de um sujeito que, “como estudante, como revolucionário, como um sujeito inquieto”, confronta, no fórum realizado em 23 de agosto daquele ano, na Universidade do Chile, os intelectuais comprometidos com o movimento estudantil:

... hoje à noite acho que há um ato no teatro Municipal. Tenho certeza de que nas três primeiras fileiras estarão o presidente do Rotary e do Lions, o prefeito, os vereadores, enfim, toda a burguesia será representada por suas organizações. Eu quero lhes fazer uma pergunta: vocês dirão a mesma coisa que nos dizem, vão dizer que é preciso fazer uma revolução e que é preciso fazer mudanças, eles vão nos dizer que temos que atacar os cavalheiros que estão lá sentados, diante deles? Porque, talvez, vocês estejam fazendo um aro para ficarem calmos, porque talvez lá, à noite, falarão sobre realidades poéticas e sobre o outro e, embora não os aplaudam muito e, na realidade, a nós, que talvez estejamos na galeria assistindo, estaremos um pouco desapontados com vocês¹³⁰.

A desconfiança na mediação dos intelectuais, a suspeita sobre a autenticidade de seu compromisso¹³¹, assinala a possibilidade de que isso era para eles um terreno transitório no caminho da especialização intelectual, mais interessado em “realidades poéticas” e “nos outros”: a tradição

129 “Cohn-Bendit, un líder juvenil”, *Punto Final*, Año II, Nº 56, 04 de junio de 1968, p. 8.

130 “El llamado de un estudiante” en *Cormorán* Año 1, No 2 (1969), p. 7.

131 A *suspeita* constitui uma estratégia central nas disputas sobre a autenticidade dos interesses revolucionários. Ela não se manifesta apenas na desconfiança dos estudantes em relação às autoridades tradicionais da cultura (intelectuais e políticos progressistas), mas também na desconfiança conservadora contra a “infiltração” no movimento estudantil. Sobre isto, ver: Jorge Volpi. *La imaginación y el poder. Una historia intelectual de 1968*. México: Ediciones Era, 1998; Victoria Langland. “Il est Interdit d’Interdire: The Transnational Experience of 1968 in Brazil”, em *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, Vol. 17, No 1 (2006), pp. 61-81.

hegemônica das instituições a que pertenciam. Portanto, não é inteiramente impossível vincular parte das energias revolucionárias dos jovens universitários à existência de uma ruptura geracional que alimenta as representações internacionais do anteriormente mencionado “poder jovem”.

A título de conclusão

A compreensão do clima global articulada pelos movimentos estudantis em 1968 é importante, no caso das revistas *PEC* e *Punto Final*, para articular os respectivos discursos em relação a uma renovação das perspectivas políticas presentes na sociedade chilena. Em ambos os casos, foram os eventos estudantis na França, especialmente, aqueles que representaram um cenário em que as ameaças e esperanças que atestam o significado da revolução até o final dos anos sessenta. O papel protagonista assumido pelos jovens foi entendido, dessa maneira, como um agente de renovação no caso da “nova esquerda” (incorporando o internacionalismo das lutas antiimperialistas), ou como um exemplo das ameaças representadas pelo transbordamento de violência das estruturas democráticas e institucionais da Universidade e dos partidos políticos. Visto do clima local, que foi o processo chileno de reforma universitária, os eventos globais de 1968 e as lutas estudantis na Europa foram, portanto, ferramentas apropriadas de interpretação para discernir o significado latente de uma mudança nas perspectivas da época.

Por um lado, no caso da *PEC*, é interessante notar a centralidade de um discurso anticomunista na interpretação do movimento estudantil, considerando que a caracterização de fenômenos semelhantes em outros países do mundo se ocupa mais do excesso de violência dos estudantes na relação com os partidos políticos, incluindo o Partido Comunista. Com efeito, as expressões materiais e simbólicas do movimento estudantil de 1968 viriam a definir novas modalidades de protesto, incorporando tanto o exercício da violência como característica distintiva de suas práticas de ação, bem como a presença de novas pautas culturais, geralmente enquadradas no âmbito da contracultura. Patrick Barr-Melej, por exemplo, menciona a presença da “questão transnacional da juventude” em algumas das representações do movimento universitário reformista chileno em 1968. O jornal conservador *El Mercurio* – o mesmo que havia sido objeto de crítica em agosto do ano anterior por parte dos alunos da Universidade Católica, através da exibição de uma faixa em sua sede com a frase “El Mercurio mente” – publicou, em outubro, um editorial que reconheceu, desta vez, a relevância do movimento estudantil como o lado negativo da radicalização do protesto:

O jornal chegou a aceitar a realidade do “poder jovem” e a promessa de melhorar as instituições acadêmicas de ensino superior no país. Esse progresso surgiu da abordagem apolítica, partidária e não violenta do movimento estudantil. No entanto, desde o início do movimento de reforma universitária, mais e mais estudantes foram às ruas em manifestações e confrontos policiais - “marchas” e “provocações” que “também vemos em outros países”. O resultado não foi o fortalecimento do poder jovem, mas sua corrosão e transformação em “frivolidade revolucionária”, concluiu El Mercurio¹³².

No mesmo sentido da “frivolidade” associada ao discurso revolucionário da juventude, a seção “Coisas da universidade” da revista *PEC* retrata jovens e estudantes através de vinhetas humorísticas como desinformados, oportunistas, ingênuos, preguiçosos, boêmios e amantes de uma revolução que só seguem pelo modismo. Este aspecto “revolucionário” da juventude é apresentado como particularmente atraente para as mulheres, implicando que a rebelião é usada como uma maneira de agradá-las e obter sua companhia¹³³.

Por outro lado, *Punto Final* enfatiza a consciência de novas perspectivas representadas pelos movimentos estudantis, articulando o confronto entre reforma e revolução como o núcleo dos principais debates na esquerda chilena e latino-americana. A continuidade destes debates, e o lugar ocupado pela radicalização política através de novos grupos como MIR, será crucial nos anos seguintes, para definir os acordos e tensões dentro do projeto político heterogêneo da Unidade Popular, a partir de 1970¹³⁴. A partir da análise da recepção dos eventos de 1968 na revista *Punto Final*, no entanto, destaca-se acima de tudo a esperança na transformação representada pelos jovens, atores-chave em um projeto contingente de renovação revolucionária, cuja presença efetiva na vida política deveria ser observada, talvez também, em relação às consequências subseqüentes de 1968 para a continuidade ou a mudança na política global.

Referências bibliográficas

ALLARD NEUMANN, Raúl. *35 años después. Visión retrospectiva de la Reforma 1967-1973 en la Universidad Católica de Valparaíso*. Ediciones de la Universidad Católica de Valparaíso, 2002.

132 Patrick Barr-Melej. *Psychedelic Chile. Youth, Counterculture, and Politics on the Road to Socialism and Dictatorship*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2017: pp. 50-51

133 Ver por exemplo a seção de humor no final das edições de 31 de maio e 07 de junho de 1968.

134 A este respeito, ver Tomas Moulián, “La vía chilena al socialismo: itinerario de la crisis de los discursos estratégicos de la Unidad Popular”, en Julio Pinto (coord.), *Cuando hicimos historia. La experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM, 2005: pp. 35-56.

BARR-MELEJ, Patrick. *Psychedelic Chile. Youth, Counterculture, and Politics on the Road to Socialism and Dictatorship*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2017.

BRUNNER, José Joaquín. *La Universidad Católica y la cultura nacional en los años sesenta. Los intelectuales tradicionales y el movimiento estudiantil*. Santiago: FLACSO. Documento de Trabajo No 127 (Octubre de 1981).

CABIESES, Manuel. *Punto final: autobiografía de un rebelde*. Santiago: Oceáno Sur, 2015.

FERNÁNDEZ, Manuel. "Los intelectuales de izquierda y la construcción de un imaginario revolucionario para Chile y América Latina. La revista Punto Final entre 1965-1973", en *Tiempo Histórico* No 2 (2011): pp. 65-84.

GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

HUNEEUS, Carlos. *La reforma universitaria. Veinte años después*. Santiago: Corporación de Promoción Universitaria, 1988.

IOMMI, Godofredo. *Fundamentos de la Escuela de Arquitectura. Manifiesto del 15 de julio de 1967*. [online]: <https://www.ead.pucv.cl/wp-content/uploads/2008/10/manifiesto.pdf> Acceso em 12/03/2018

LANGLAND, Victoria. "Il est Interdit d'Interdire: The Transnational Experience of 1968 in Brazil", en *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, Vol. 17, No 1 (2006): pp. 61-81.

MACEOIN, Gary, *A las puertas de la revolución*. Caracas: Editorial Tiempo Nuevo, 1973.

MARKARIAN, Vania. *El 68 uruguayo. El movimiento estudiantil entre molotovs y música beat*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2012.

ROSS, Kristin. *May '68 and its Afterlives*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

SALAZAR, Gabriel. "De la generación chilena del 68: ¿omnipotencia, anomia, movimiento social?", en *Proposiciones* No 12 (1986): p. 99.

SUNKEL, Osvaldo. *Reforma universitaria, subdesarrollo y dependencia*. Santiago: Ed. Universitaria, 1969.

VALDIVIA, Verónica. *Nacionalistas y gremialistas. El "parto" de la nueva derecha política chilena, 1964-1973*.

Santaigo: LOM ediciones, 2008.

VOLPI, Jorge. *La imaginación y el poder*. Una historia intelectual de 1968. México: Ediciones Era, 1998.

Wages for Students. Introducción de George Caffentzis, Monty Neill y John Willshire-Carrera. Nueva York, Santiago y Toulouse: Common Notions, Vaticanochico y Editions de l'Asymetrie, 2016.

ZALAUQUETT, Cherrie A. *Chilenas en armas. Testimonio e historia de mujeres militares y guerrilleras subversivas*. Santiago: Catalonia, 2009.

ZOLOV, Eric, "La Tricontinental y el mensaje del Che Guevara. Encrucijadas de una nueva izquierda", en Palimpsesto Vol. VI, No. 9 (enero-junio 2016): pp. 1-13.